



# APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

A  
Ç  
Ã  
O



É com imenso prazer e orgulho que apresentamos mais uma edição do **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, publicação coordenada pelo Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG/UnB), cujo objetivo é congrega docentes e discentes na tarefa de divulgar conhecimento científico na área da Linguística de vertente formal. Apesar de estar sendo lançado em maio de 2020 (diga-se de passagem, em meio à pandemia da Covid-19, para que se registre esse momento triste e histórico pelo qual o mundo está passando), trata-se de um número retroativo ao segundo semestre de 2018. Assim, para fins de citação dos trabalhos, é esta última informação que deve ser utilizada. Este número compõe-se de sete textos: um deles na seção *Artigo Convidado* e seis na seção *Squibs*.

Diante da grande acolhida por parte da comunidade universitária e diante dos pedidos dos colegas, há tempos vínhamos pensando na possibilidade de abrir o Caderno de *Squibs* à submissão de artigos, e, nesta edição, essa possibilidade finalmente se concretiza com a publicação do artigo convidado de Ana Paula Scher e Giulia Yokomizo Girardi, **Defectividade como uma janela para a arquitetura da gramática: formas inefáveis do português**. Nesse trabalho, as autoras recorrem a desenvolvimentos recentes da Morfologia Distribuída para explicar a existência de formas verbais defectivas, como as formas da 1ª pessoa do singular de verbos como *banir*, *abolir*, *falir* e *delinquir*. De acordo com Scher e Girardi, “contextos sintáticos específicos podem levar uma raiz a não realizar a fonologia que lhe é canonicamente atribuída”.

**Ainda sobre possessivos de terceira pessoa no português**, de Raquel Meister Ko. Freitag e Manoel Siqueira, ainda que se assemelhe a um artigo, por conter uma proposta fechada, com resultados, é um texto que apresenta uma característica marcante do gênero *squib*, qual seja, a de promover o resgate de um tema pouco explorado ou há tempos esquecido — nesse caso, o dos possessivos de terceira pessoa (PP3) *seu* e *dele*. A análise dos autores conclui que as gramáticas contemporâneas investigadas não dão conta da efetividade dos usos desses possessivos e corrobora duas hipóteses: a da dominância pronominal (MACKAY; FULKERSON, 1979), em que o PP3 do gênero masculino retoma referentes neutros, e a hipótese da distribuição complementar (MULLER, 1997) desses elementos, em que *seu* funciona como variante presa e *dele* expressa correferência.

O *squib* de Josilene de Jesus Mendonça, **Interpretação de pronomes de primeira pessoa do plural**, aborda a codificação por pronomes de primeira pessoa do plural (*nós* e *a gente*) de referentes abarcados por uma gradação entre os extremos genérico <--> determinado. A autora baseia a sua análise na interação entre as categorias semânticas pessoa, número, definitude, especificidade e genericidade para interpretar os pronomes em questão, que, de acordo com sua argumentação, apresentam o mesmo valor semântico.

Em **Nominais nus no português brasileiro: as particularidades do singular nu**, Pamella Soares Rosa discute os nominais nus dessa língua frente aos fatos de outras línguas, tomando como ponto de partida as propriedades classificatórias estabelecidas por Chierchia (1998) com base nas diferentes possibilidades de ocorrência de nominais nus

nas línguas naturais. Segundo a autora, ainda que apresente particularidades significativas que o diferenciem de outras línguas, o português brasileiro apresenta características que corroboram em parte os parâmetros semânticos das línguas naturais.

O *squib* de Yuri Penz, **Drops de semântica: de onde vieram e para onde vão as âncoras**, aborda os fundamentos da ferramenta semântica denominada “âncora”, amplamente discutida no arcabouço da Semântica de Mundos Possíveis. Para tanto, o autor utiliza como pano de fundo dados do português brasileiro relacionados aos fenômenos de operadores-monstros e de atitudes proposicionais.

O *squib* **O desenvolvimento de pronomes marcados no português: a relação com as escalas hierárquicas**, de Aline Jéssica Pires, investiga a validade das escalas hierárquicas da animacidade e da definitude para descrever o desenvolvimento da Marcação Diferencial de Objeto no português. A autora questiona a adequação dessas escalas ao focar dados do catalão antigo, do romeno antigo e do português diacrônico — línguas que violariam restrições previstas por esse tipo de modelo.

Em **A interface sintaxe-fonologia no caso dos blends**, César Elidio Marangoni Junior questiona a suposta imprevisibilidade dos *blends* — *grosso modo*, lexemas formados por meio da fusão de partes de pelo menos duas palavras-fonte, como *sacolé* > *saco* + *picolé* e *bebemorar* > *beber* + *comemorar*. Segundo o autor, é possível chegar a um padrão geral que dê conta da derivação de *blends* no português brasileiro.

Gostaríamos de agradecer a todos os envolvidos na publicação deste número: autores, pareceristas, Corpo Editorial e colaboradores do Serviço de Gerenciamento de Informação Digital (GID) da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília. Gostaríamos de registrar também um agradecimento especial às autoras do artigo convidado. Desejamos a todos uma ótima leitura!

Helena Guerra Vicente